
“Ballroom para além do close”: elementos performáticos como ferramenta de resistência de parte da comunidade LGBTQIAPN+, em Teresina¹

Sammara Jericó Alves Feitosa²

Aline Maria Silva Sousa³

João Antônio Marinho Gomes⁴

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Resumo

Este artigo analisa como os elementos performáticos presentes na cultura ballroom funcionam como ferramentas de empoderamento, luta e resistência para a comunidade LGBTQIAPN+ em Teresina, Piauí. A pesquisa parte da contextualização histórica do movimento *ballroom*, surgido nos anos 1970, em Nova York, e examina sua expansão e ressignificação no contexto brasileiro e local. O estudo utiliza abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e observação participante das performances, das *houses* e das *balls* como espaços de afirmação identitária, política e artística, na capital piauiense. Os resultados evidenciam que o *ballroom*, além de expressão estética, é um potente instrumento de combate à LGBTfobia, racismo e marginalização, promovendo acolhimento, visibilidade e pertencimento para seus participantes em Teresina.

Palavra-chave: *ballroom*; resistência; LGBTQIAPN+; Teresina.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre gênero, sexualidade e identidade tem se transformado significativamente nas últimas décadas, refletindo contextos de pluralidade, mutação e instabilidade. Essas transformações impactam relações interpessoais, de aprendizagem e de trabalho, especialmente entre jovens, para quem identidade e representatividade são centrais. O presente trabalho procurou responder o seguinte questionamento: como as práticas performáticas que fazem parte do movimento *ballroom* funcionam como ferramenta de empoderamento, luta e resistência?

Como objetivo geral explicar como os elementos performáticos da cultura *ballroom*, que nasce no movimento LGBTQIAPN+ funcionam como ferramenta de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí - Uespi. E-mail:sammarafeitosa@cceca.uespi.br

³ Egressa do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí -Uespi.

⁴ Egresso do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí -Uespi.

empoderamento e resistência com foco na cena de Teresina, onde o movimento tem se fortalecido desde 2019. Os objetivos específicos foram apresentar o *ballroom*: conceito, surgimento, contexto histórico e sua presença no cenário brasileiro e teresinense; tratar sobre a relação da *ballroom* com sexualidade, política, poder e resistência, fazer o resgate das origens da teoria *queer* e apresentar as perspectivas de gênero e sexualidade a partir de um recorte racial, elemento fundamental dentro do movimento *ballroom*.

O movimento *ballroom*, originado na Nova York dos anos 1970, emerge como resposta à exclusão social e à busca por espaços de expressão livre para pessoas LGBTQIAPN+ negras e latinas. O movimento consiste na exaltação de elementos performáticos como danças, vestimentas, interpretações e performances variadas. O motivo pelo qual essa cultura surgiu, ainda se repete e justifica o fato do cenário *ballroom* se manter vivo e cada vez mais atuante, inclusive em Teresina, PI, no Brasil.

CULTURA BALLROOM: ORIGENS E ELEMENTOS

Apesar do movimento de contracultura nascer a partir de uma tentativa midiática de batizar as características estéticas e estruturais que compunham a comunidade hippie norte-americana, nos anos 60, a essência de seu termo foi ampliada ao longo dos anos e deu sentido a novas marcas sociais.

Pereira (1992) afirma que a contracultura, após sua origem, se transforma em um movimento de viés questionador, de caráter libertário, construído em sua maioria pela juventude das esferas médias urbanas que diverge dos movimentos tradicionais de contestação social. Esse movimento possibilitou a inauguração do modo de vida e do cenário *urderground* em diversas partes dos Estados Unidos.

A cultura ballroom é abraçada pelo viés questionador, urbano e marginal e surge em um contexto de marginalização, como resposta à exclusão de pessoas LGBTQIAPN+ negras e latinas dos espaços sociais e culturais tradicionais. Em tradução literal, *ballroom* significa: salão de baile. Mas sua definição vai além de performances artísticas em uma pista de dança (essas também inclusas dentro da referida cultura).

De acordo com Santos (2008, p.10), a ballroom é “uma cultura LGBT baseada em práticas de performance, competições e estruturas de apoio social e emocional para seus membros”. Inspirado por movimentos de contracultura e resistência, o *ballroom* se estrutura em torno de elementos fundamentais, como as *houses* (casas/famílias escolhidas), as *balls* (competições performáticas), e outras categorias que fazem parte, como a dança, moda e performance, com destaque para o *voguing*.

As *houses* funcionam como redes de apoio e pertencimento, lideradas por figuras maternas ou paternas, acolhendo jovens rejeitados por suas famílias biológicas. De acordo com Lawrence (2011 apud SANTOS, 2008) a primeira casa foi criada em 1972, no bairro Harlem, em Nova York, a *House of LaBeija*. Dentro das *houses*, existem figuras de liderança que podem ser *mothers* ou *fathers*, em tradução literal, mães ou pais. Esses grupos são criados para transmitir segurança e acolhimento para os moradores, ou seja, para os adeptos que frequentem aquele local. Os moradores podem ser chamados de filhos, e alguns desses filhos podem possuir o título de *princesse*, em tradução literal, princesa. Essas últimas denominações foram observadas durante a vivência nos ambientes da cultura *ballroom* em Teresina, como a *house* teresinense que adotou essas denominações: a Casa Di Monique, com a *mother* Tayomara Wriel, o pai Wil Kennedy e as *princesses* Amanda Araújo e Kaytson Wes.

As *balls* são eventos competitivos e celebratórios, onde se valorizam criatividade, expressão corporal e resistência estética, funcionando como espaços de afirmação identitária e política. Para *house of raabe*, as *balls* “são eventos e cerimônias organizadas com fins políticos e de entretenimento” (House of raabe, 2020, p.1).

House of raabe (2020), explica que as *balls* podem ter diferentes temáticas e os competidores devem seguir regras de categorias já pré estabelecidas. O número específico de categorias é impreciso e as categorias mais populares são a de dança *vogue*, elemento corporal de destaque da cultura ballroom; *Face*, que premia o rosto mais expressivo; *Runway*, que avalia o melhor desfile; e *Best Dressed*, que leva em consideração a melhor roupa e caracterização

Em Teresina, o *ballroom* tem se consolidado como espaço de resistência frente à LGBTfobia e ao racismo, oferecendo acolhimento e visibilidade para jovens

LGBTQIAPN+. As experiências relatadas por integrantes das *houses* locais evidenciam o potencial transformador do movimento, tanto no âmbito individual quanto coletivo. De acordo com informações coletadas durante a realização de entrevistas com os adeptos da *ballroom* na capital, a primeira vivência do movimento em Teresina se deu no ano de 2019 após o JUNTA FESTIVAL, evento piauiense de dança organizado por pessoas que compõem a cena artística da cidade.

Para que a disseminação da cena acontecesse de forma mais ampla e para registrar o início desta cultura em Teresina, uma página no instagram denominada “*ballroom* Piauí” foi criada, em fevereiro de 2020, antes das medidas de distanciamento social adotadas pelos governos estaduais devido a pandemia da covid-19.

BALLROOM: SEXUALIDADE, POLÍTICA, GÊNERO E RESISTÊNCIA

A *ballroom* nasce dentro de um contexto de exaltação da sexualidade, da amplitude de gênero e das transgressões por meio das lutas sociais, sendo considerada um movimento político de resistência e de luta pela existência. O *ballroom* é, simultaneamente, um espaço de celebração e de luta.

Ao relembrar certos costumes da sociedade vitoriana no século XVII, Foucault (1999), reflete sobre a repressão sexual da época como maneira de contextualizar que na verdade, essa suposta repressão, é um estímulo da discussão sobre sexualidade, que faz parte de uma estratégia de controle e poder, associadas em parte pela ascensão do capitalismo e a exploração da força do trabalho. Ao tentar compreender a pluralidade da sexualidade, Mead (2003) analisa o sexo e o temperamento dentro de variadas culturas com o objetivo de quebrar certos (pre)conceitos presentes nas raízes do determinismo biológico e geográfico. A autora busca entender como as culturas influenciam na formação dos papéis sociais de homens e mulheres e, então, realiza uma pesquisa de campo com povos primitivos que vivem na região da Oceania: os *Arapeshs*, *Mundugumors* e *Tchambulis*.

Ao falar sobre materialidade do corpo, no que diz respeito a relação de corpo físico x gênero, Butler (2019) diz que não se pode fixar os corpos como simples objeto de pensamento, pois os mesmos tendem a indicar um mundo além deles mesmos. Para a

autora, o sexo é um ideal regulatório e sua materialização se impõe e tenta se realizar por meio de certas práticas altamente reguladas. “Em outras palavras, ‘sexo’ é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo” (Butler, 2019, p. 20).

Já no que se refere as questões de gênero, o movimento feminista contribuiu significativamente na ampliação de discussões sobre a temática, e no reforço em que essas discussões passaram a ser pensadas como instrumento de análise para mostrar diferenças e hierarquias entre homens e mulheres (Colling, 2018).

Os processos de resistência, estão ligados às lutas sociais que nascem em episódios opressivos. Wolf (2021) explica que a opressão contra minorias sexuais é uma das grandes contradições do capitalismo moderno, uma vez que esse sistema cria condições materiais para que homens e mulheres levem vidas sexuais autossuficientes, também cria imposições para manter normas heterossexuais na sociedade para garantir a manutenção da ordem econômica, social e sexual. A autora também analisa que a opressão contra a população LGBTQIAPN+, assim como contra as mulheres, está ligada a: “[...] como um dos meios do capitalismo de, ao mesmo tempo, inculcar normas de gênero e terceirizar o cuidado das atuais e futuras gerações de trabalhadores a baixos custos para o Estado [...]” (Wolf, 2021, p. 36).

TEORIA QUEER E INTERSECCIONALIDADES

De acordo com Miskolci (2012), na década de 1960, três “novos” e principais movimentos sociais surgiam, possivelmente motivados aos impulsos críticos da contracultura: o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o então chamado naquela época, movimento homossexual. O autor explica que, o que hoje se chama de *queer*, em termos políticos e teóricos, surgiu a partir destas movimentações.

A teoria *queer*, ao questionar binarismos e essencialismos, fundamenta a compreensão do *ballroom* como espaço de fluidez identitária e resistência. O movimento incorpora múltiplas interseccionalidades, especialmente no recorte racial, já que sua origem está profundamente ligada à experiência de pessoas negras e latinas marginalizadas.

O resgate das raízes *queer* e a valorização das narrativas negras e periféricas são centrais para compreender o impacto do *ballroom* em contextos como o de Teresina, onde questões raciais e de classe se entrelaçam às demandas por reconhecimento e direitos da população LGBTQIAPN+. O recorte racial é fundamental para entender a cultura *ballroom*. Historicamente, o movimento surge como resposta à exclusão racial e social, criando espaços de protagonismo para pessoas negras e latinas.

Em Teresina, essa dimensão permanece central, pois o *ballroom* local é composto majoritariamente por jovens negros e periféricos, que encontram no movimento uma forma de expressão, pertencimento e resistência ao racismo estrutural. Ao falar sobre *queer* e seu significado em prática, Preciado (2003) aborda sobre termos como “sexopolítica” e “biopolítica”, que nascem em um contexto do sistema capitalista e que contextualizam como as questões de gênero e sexualidade são mecanismos de controle de poder: “[...] fazendo dos discursos sobre sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida” (Preciado, 2003, p.11).

Apesar da pluralidade de raças observada na atual conjuntura da *ballroom* na capital piauiense, a predominância de adeptos ainda é de pessoas pretas e condiz com o fato da *ballroom* ter nascido a partir de uma necessidade de pessoas LGBTQIAPN+, pretas e latinas, de estarem inseridas em um espaço seguro onde possam se expressar e se orgulhar de maneira artística e sexual, livremente e sem enfrentar preconceitos raciais. O motivo pelo qual a *ballroom* surgiu, ainda se faz presente dentro da comunidade, e segue sendo discutida e exaltada

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa no campo do Jornalismo e de natureza aplicada. Os procedimentos se deram a partir de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, em 2024, do campus Poeta Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) na modalidade produto prático, ou seja, ao final, foi apresentado um relatório científico e um documentário que levou o nome deste artigo.

Em qualquer trabalho acadêmico, tudo se inicia mediante pesquisa. E diante disso, devemos entender: o que é a pesquisa? Para Gil (2002, p. 17) “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Neste trabalho, procurou-se mostrar e contextualizar as origens e costumes do movimento *ballroom* pela perspectiva do cenário na capital piauiense a partir de um aprofundamento de conceitos, práticas e informações. Goldenberg (1997), fala do aprofundamento da pesquisa por meio de entrevistas, da observação, vivência e até participação na vida de determinado grupo ou de uma organização que seja o objeto de estudo, o que possibilita a amplitude de interpretações que o pesquisador possui sobre as situações que observou, método que os autores do presente trabalho utilizaram e consideraram fundamental durante sua feitura.

Durante sua feitura, foram necessários levantamentos bibliográficos, entrevistas e visitas aos locais onde os adeptos do cenário *ballroom* da capital costumam se encontrar, o que pode ser considerado fatores que estimulam a compreensão, e que de acordo com Gil (2002), são elementos que compõe o grupo exploratório de pesquisa. Sobre as fases do trabalho, elas se construíram da seguinte maneira: primeiro, as leituras balizantes sobre o tema em si. Conteúdos mais simples, que explicam de forma mais didática o que é a *ballroom*. Em seguida, as leituras científicas sobre o movimento, que auxiliaram no embasamento teórico desta pesquisa.

Quanto as fases práticas, foram intercaladas gravações de entrevistas com as pessoas responsáveis pelo fomento da *ballroom* no cenário teresinense, - realizadas por um roteiro de perguntas - com os registros de treinos oferecidos pelas lideranças do movimento e também as *balls*, eventos que fazem parte da *ballroom*. Essa intercalação de gravações foi adotada porque esses eventos não possuem uma data fixa para acontecer, então, nesse sentido, os autores (no papel de também produtores) ficaram dependentes das datas dessas celebrações para a captação de imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que o *ballroom* em Teresina é um espaço de resistência e acolhimento, onde jovens LGBTQIAPN+ encontram apoio, visibilidade e oportunidades de expressão artística. As performances funcionam como atos de afirmação identitária e política, fortalecendo a autoestima dos participantes e promovendo o combate à LGBTfobia e ao racismo.

O fortalecimento das *houses* e a realização de *balls* têm contribuído para a consolidação do movimento na cidade, ampliando o debate sobre diversidade e inclusão em espaços acadêmicos, culturais e sociais.

O *ballroom*, assim, se configura como ferramenta potente de transformação social e de promoção dos direitos da população LGBTQIAPN+.

A cultura *ballroom*, ao unir performance, resistência e acolhimento, revela-se fundamental para a luta por direitos e reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+, em Teresina. O movimento potencializa estratégias de combate ao preconceito, promove orgulho e pertencimento, e contribui para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva. O registro audiovisual das experiências locais amplia a visibilidade do movimento e fortalece sua memória coletiva, sendo essencial para o avanço das pautas LGBTQIAPN+ no Brasil.

Referências

- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 edições, 2019
- COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1997
- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2012

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1992

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos ballrooms**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas Instituto de Estudos da Linguagem, 2008.

WOLF, Sherry. **Sexualidade e Socialismo: história, política e teoria da libertação LGBT**. São Paulo: Autonomia literária, 2021.